



Porto Alegre

2010

SUMÁRIO

Caderno de Literatura: a face cultural da magistratura gaúcha, por Jorge Adelar Finatto /

José Paulo Bisol

Claudia Moraes Bastzch

Claudio Baldino Maciel

Cyro Luiz Pestana Puperi

Diógenes Vicente Hassan Ribeiro

Donaldo Schüler

Emanuel Medeiros Vieira

Fabrício Carpinejar

Gilberto Schäfer

Gladis de Fátima Ferrareze

José Carlos Teixeira Giorgis

José Nedel

Juliana Meira

Mafalda dos Santos

Marcel Citro

Marcia Kern Papaleo

Maria Carpi

Nei Mitidiero

Nelson Oscar de Souza

Newton Fabrício

Nilton Tavares da Silva
Paulo Ferrareza Filho
Paulo Sant'Ana
Rosa Maria Weber
Rosana Broglio Garbin
Telmo Kretzmann
Túlio Martins
Voltaire Schilling
Adair Philippsen
Afif Jorge Simões Neto

CADERNO DE LITERATURA: A FACE CULTURAL DA MAGISTRATURA GAÚCHA

Jorge Adelar Finatto

O Caderno de Literatura foi uma criação coletiva dos juízes do Rio Grande do Sul. Existe uma tradição cultural na história da magistratura gaúcha. A justiça se faz não só com o direito e ciências afins, mas, também, com literatura, com filosofia, com história, com teatro, com artes plásticas, com música, com convivência, com cabeça aberta, enfim.

O Caderno é a expressão desse espírito humanista e tornou-se realidade porque havia um ambiente favorável, a Ajuris cumprindo a função de incentivar e acolher a produção intelectual e artística dos associados.

Juízes e familiares participaram do processo de ideação, criação e realização da revista, merecendo destaque, também, o esforço de dedicados funcionários da associação.

Esse grupo de pessoas colaborou com seu talento, entusiasmo e trabalho para a concretização do projeto. Entre elas, e homenageando a todos, lembro o querido Nathaniel Marques Guimarães, desembargador e brilhante artista plástico.

Estará nessa disposição fraterna para a convivência e o trabalho criativo a razão do sucesso da publicação, que alcançou reconhecimento nacional.

Tive a felicidade e a honra de ser o diretor do Caderno de Literatura desde o seu primeiro número, lançado em junho de 1996, em Santo Ângelo, até o décimo quinto. No editorial da primeira edição, ressaltava:

“Entre os magistrados, que fazem da palavra escrita sua forma de expressão por excelência, existem não apenas bons leitores como produtores de texto literário. Não deve haver espanto nisso. Escrever bem é uma arte e um prazer. Pode ser feito numa obra de ficção como numa decisão judicial”.

A revista aperfeiçoou-se ao longo dos anos, sempre contando com o apoio indispensável das administrações da Ajuris e com a qualificada participação dos magistrados. Estabeleceram-se parcerias com patrocinadores e com a comunidade cultural (escritores, poetas, jornalistas, professores, músicos, filósofos, fotógrafos e outros intelectuais de diferentes áreas).

A presença dos artistas plásticos foi importante. Nomes como Danúbio Gonçalves, Glauco Rodrigues, Glênio Bianchetti, Xico Stockinger, Marília Fayh, Paulo Porcella, Nelson Jungbluth e tantos outros colaboraram muito com sua arte, dando ao nosso Caderno uma feição única. A começar pelas capas silenciosas, nas quais o leitor pode viajar pela imagem livre da interferência do texto. Idéia, aliás, inspirada na revista Para Todos, dirigida, no início do século XX, pelo escritor porto-alegrense Alvaro Moreyra.

Muitas obras desses artistas foram doadas para a Ajuris e era preciso dar-lhes uma destinação. Foi quando surgiu a ideia de criar um espaço para abrigar esse acervo junto com aquele já existente na entidade. Assim, a Pinacoteca da Ajuris foi fundada, no papel, em 1999, e depois ganhou espaço físico definitivo na Escola da Magistratura.

A partir de 1999, o Caderno passou a ser distribuído a todos os juizes brasileiros. Onde houvesse um gabinete de juiz, lá estaria a nossa revista. Era a Ajuris, mais uma vez, mostrando sua força e pioneirismo, tornando-se a primeira associação de juizes a fazer e distribuir nacionalmente uma publicação cultural periódica.

Ao mesmo tempo, através de acordo com o Ministério das Relações Exteriores, o Caderno passou a ser encaminhado às embaixadas brasileiras ao redor do mundo.

A seção de cartas é o retrato fiel de como a sociedade e a magistratura brasileira receberam a publicação. Outras entidades de juízes fizeram suas revistas tendo o Caderno como referência.

Procuramos a integração com a comunidade. Era preciso chegar à população com um trabalho de qualidade. E assim foi feito. Estudantes, professores, agentes de cultura, escolas, bibliotecas, quilombos, presídios, instituições culturais, entidades assistenciais e imprensa, entre tantos, receberam milhares e milhares de exemplares da publicação, distribuída gratuitamente. As colaborações, igualmente, sempre foram feitas graciosamente.

Os lançamentos, na capital e no interior, eram dias festivos, com apresentação de artistas, coquetel, convivência de juízes e comunidade. Entre esses, lembro o que fizemos no Theatro São Pedro, em Porto Alegre, em 16 de dezembro de 2005, com o inesquecível show de Johnny Alf, aberto, como todos os demais, ao público.

Ao ter por princípio a preservação da memória cultural gaúcha e brasileira, a revista prestou e presta um serviço inestimável. Uma documentação rara e rica compõe esse patrimônio, que está à disposição de leitores e estudiosos, também através da internet.

O Caderno de Literatura da Ajuris traz em si a marca do humanismo, da disposição ao convívio e da generosidade dos juízes gaúchos.

JOSÉ PAULO BISOL

Desembargador do TJ/RS aposentado.
Professor e escritor. Ex-Senador e Ex-Secretário de
Estado do RS.

O SONHO DE NÃO REPETIR-SE

Certo, sinto o que sinto
maior que como o digo.
Mas é o que sinto ou pressinto?
Nada! É apenas o que persigo.

Persigo o sentimento novo e esta
a ânsia em que me me abraço:
se sinto-me sentir me molesta
que me moleste apenas por acaso.

Pudesse ao sentir, nascer, e projetar-me
nesse sentir até o esgotamento
paralisando o tempo por sentir
sem motivo, acima do momento;
e ser, sem passado e porvir,
um novo ser em cada sentimento!

POUCO DE MIM TALVEZ, MAS A ALMA INTEIRA

Pouco de mim talvez, mas a alma inteira.

Me humanizo, consumo, purifico e quebro na perspectiva dos homens. Minha vida é um grito ecoando para trás.

A esse grito nu da alma, erguida sei bem por que revolta inexpressiva, envio nesta hora distanciada de todas as coisas que o mundo está fazendo, através das sombras desta noite provinciana, ao mar.

Mas ele irá em ecos dispersado quase de mansinho, apesar do desespero, da repugnância, da inutilidade de sua inquietude. Irá ao mar este esforço ao vertical, torrente de dádivas obscuras, dispersão de uma vida cujo impacto poderia ter estourado em vida maior, se amplo fora e profundo o humano em mim.

Irá com sua doçura selvagem, sua nudez de insulto, sua força de punho que esmaga a própria intimidade.

Será amigo o colo das águas inquietas, onde deporá do destino traído da missão de violar o abismo; e entre dois gestos depositará uma lágrima serena, um manso gemido de orvalho; assim como quem se pergunta se deve voltar ao grito origem ou doido continuar.

Advirá dessa gota a precisa energia para o mar vestir mais ondas – o que é indispensável ao cenário do drama: louco, o mar é mais infinito. Revoltos os líquidos braços,

convulsionada a noite, o céu enegrecido de um silêncio de quem vai morrer, irei nos ecos da alma como a oferta nos lábios de quem beija.

Irei ao mar como quem vai à última feira de humanidades buscar o horror, a fúria, o puro, o bárbaro da morte; como quem vai para o profundo da vida, para o encontro com sua verdade, onde talvez, um dia, ainda possa sentir que pulsa uma vida maior, autêntica, feliz de ser vivida por um homem.

CLÁUDIA MORAES BASTZCH

Psicóloga com Formação Psicanalítica. Bacharel e Licenciada em Psicologia pela UFRGS. Especialista em Psicologia Clínica e em Saúde Mental Coletiva. Servidora da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre em Centro de Atenção Psicossocial - CAPS.

POEMA EM DESENCANTO

Meu canto é pranto.
O prato está quebrado.
O espelho está sem aço.

No corpo enfermo,
Inferno:
Olho a boca
que não fala;
Observo a metade
que não se move.

Vida quase sem vida.
Apenas dor suor
Lágrimas e sangue.

No corpo exangue,
Inverno:
O sopro de vida
se extingue.

No olhar, a alma
ainda não morre
berra
pede socorro
arranca
os cabelos.

E eu
já não sorrio mais:
O ser que eu amava,
já não está mais ali.

CLÁUDIO BALDINO MACIEL

Desembargador no Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, ex-professor da Escola Superior da Magistratura, foi Presidente da Ajuris e Presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros.

A TOCAIA

Setembrino espreitava entre as pedras, do alto do coxilhão, armado de uma Comblain novinha e munição de sobra. Um único tiro seria suficiente, na cabeça prá não deixar dúvida. Daquela distância, era só encomendar a missa para o homem lá embaixo. A ordem era clara: matar o desgraçado assim que ele botasse a cabeça para fora da casa.

Durante a noite encontrara a perfeita posição de tiro. Não havia como ser visto. Estava no alto, e das casas lá embaixo quem olhasse para o lado do coxilhão teria contra os olhos o brilho do sol da manhã. Seu cuidado era o de não deixar refulgir o cano da arma, que este brilho se avista de longe, sabia bem, e os inimigos andam ariscos, olhando para os lados, armas prontas.

Setembrino havia perdido dois irmãos e já andava farto da guerra, mas era o ódio que o alimentava na manhã enso-larada. Aquele serviço calhava para a vingança dos irmãos mortos, era acertar bem na cabeça do homem, um tiro só, tendo tempo, com a confusão, para escapar e entrincheirar-se lá embaixo, na boca do rio, junto ao restante da tropa.

Fora escolhido pelo comandante porque conhecia o lugar como a palma da mão. Vivera toda a infância ali perto, um pouco mais para o sul. E também porque sua pontaria era reconhecida pelos companheiros como a melhor do regimento. Daquela distância, era um único tiro, na cabeça, como mandara o comandante.

Quanto tempo ainda teria que esperar? Queria logo acabar com aquilo. O sol já ia meio alto e queimava suas costas, o sangue batia forte nas têmporas. Esperar o momento certo, nessas horas, é sempre a pior parte – meditava ele.

Na primeira ocasião que avistou o alvo, não estava bem concentrado. O homem ficou pouco tempo a descoberto e não foi possível fazer o serviço, porque o tiro havia de ser um só e certo – essa era a ordem – sem dar chance para o azar. Com aquela arma e a sua mira malvada acertaria até do dobro de distância, ainda mais dormindo na pontaria, com o dedo a comprimir lentamente, com suavidade, o gatilho. Setembrino antevia o estampido a ecoar no horizonte, o barulho seco do corpo caindo no chão, um estertor e o fim do maragato, sua alma no rumo do inferno.

Uma hora depois, o homem apareceu novamente. Saiu da casa calmamente, acompanhado de uma mulher e uma criança, e caminhou até a porta do galpão. Setembrino cuspiu pro lado, passou a língua no lábio superior, fechou o olho esquerdo e afinou a pontaria. Mas não atirou. Não quis correr o risco de ferir o gurizinho. Ele gostava de crianças, tinha seus filhos para criar e não conseguia imaginar os guris mortos na guerra por um erro de pontaria do inimigo. Se fosse para morrer, que crescessem primeiro. Não atirou. Teria mais tempo para encontrar melhor situação de tiro.

Pensou nos irmãos abatidos na guerra. – O homem não me escapa, dizia baixinho, mastigando um pouco de pasto. Logo, logo ele aparece sozinho e será um tiro só, na cabeça, pensou. Em voz baixa, disse “pou”, imitando o estampido do disparo e imaginou o homem caído, a confusão lá embaixo e, depois, o enterro e aquela mulher e o guri chorando na beirada do caixão.

E ali ficou a refletir sobre a guerra, seus dois irmãos mortos com tiros à queima-roupa, entre adagas e lanças, na

tomada daquela ponte. Entrevero grande, muitos outros morreram também, mas morreram lutando de frente, como homens, e não foram alvejados numa tocaia, sem saber de onde veio o tiro, como bicho. A morte dos irmãos já não lhe parecia tão ingrata como a daquele homem lá embaixo, que ele nem sabia quem era e que seria abatido como um animal, sem qualquer chance de defesa. Setembrino esperava e pensava. – Morrer é da lei da vida, mas matar quem a gente não conhece e ainda mais como cobra que se esconde nas pedras para dar o bote certo no vivente desprevenido, isso não é certo.

– Daqui de cima, ele até parece o tio Maneco, a única diferença é o encarnado do lenço. Mais um, menos um, isso não faz diferença para as contas da guerra, tanto para o lado do matar como o do ficar vivo. Afinal, o infeliz deve ser um peão como qualquer outro, que trabalha duro prá sustentar a mulher e os filhos e deve cumprir ordens como eu. Ele pode ter sido recrutado pelo patrão e nem saber por que está brigando. Mas agora ele é o meu inimigo e só isso que importa. Tenho que matá-lo – pensou – recebi uma ordem, se pensar demais vou acabar desistindo. Um balaço na cabeça e, pronto, vou-me embora. Sorte a minha de ser eu que estou na posição de tiro. Fosse eu o homem lá embaixo, desprevenido, e ele aqui em cima com esta arma, seriam meus os miolos espalhados pelo chão, o corpo sem vida e a Rita e os guris chorando no velório. Mas é ele quem vai morrer, é o destino, é a lei da guerra. A mim, cabe atirar e parar de pensar besteira...

Sabia que estava amolecendo. É o sol – pensava – que àquela hora estava quase a pino sobre sua cabeça. Enquanto Setembrino tentava afastar aquelas idéias, o homem lá embaixo surgiu novamente. Na soleira da porta, acendeu um cigarro e ficou recostado, baforando.

– É agora, disse Setembrino baixinho para si mesmo.

Limpou o suor da testa, acomodou melhor o cotovelo esquerdo na ranhura da pedra, fechou um olho e mordeu o lábio. Começou a comprimir o gatilho, lentamente.

As ordens que tinha eram precisas: se não conseguisse fazer o serviço até o meio-dia deveria voltar, não poderia esperar mais. Já eram mais de onze horas e ele ainda não tinha achado a situação ideal para atirar. Agora o homem lá embaixo estava ao feitiço do tiro, bem no meio da alça da mira. A possibilidade de erro era mínima. – Agora sim, pensou Setembrino, atiro e desapareço daqui, alcanço as árvores lá embaixo e, protegido por elas, contorno a coxilha pelo lado de lá, até alcançar, no capão de mato, mais adiante, meu cavalo maneado na espera.

– É agora, pensou.

Mas não atirou.

Resignado, Setembrino disse para si mesmo – Não posso matar este homem. Vou-me embora e digo para o comandante que até o meio-dia não consegui avistar ninguém. No total da guerra, que diferença faz mais um, menos um?

Levantou-se, silencioso como uma onça, e partiu sorrateiro na direção do seu cavalo para alcançar, depois, o acampamento à beira do rio na segurança dos companheiros.

Ao mover-se, contudo, o cano da arma rebrilhou lá embaixo.

Dois homens, furtivamente, correram da casa para o galpão, onde mantinham os cavalos prontos.

Setembrino foi morto no meio do caminho de volta, antes de alcançar sua montaria. A pé, presa fácil, sequer revidou. Os homens, bem montados, desceram o coxilhão pelo lado oposto e, cada um por um flanco, o contornaram, rapidamente cercando Setembrino já quase na linha das ár-

vores. Enquanto ele tentava se defender da arremetida de um deles, o outro o atingiu pelas costas. Um único tiro, na cabeça, pra não deixar dúvida.

CYRO LUIZ PESTANA PUPERI

Juiz de Direito em Gramado-RS.

ÁRIDO CORAÇÃO

Silêncio

Começo a me acostumar
Com as noites sem luar
Estrelas despedaçadas
Dias sem sol
Caminhos não trilhados
Calçadas em desalinho
Lugares desconhecidos
Sonhos não vividos
Insones madrugadas
Vidas de partida.

Silêncio que perdura

A sombra projetada de meus pés
Atravessou os desertos áridos do meu coração
Bebeu de todas as fontes de meus olhos
Contemplou as florestas devastadas de minha alma
Sem encontrar um lugar sequer de paz
Nesta alma devastada
– Marejados olhos –
Por este árido coração.

DIÓGENES VICENTE HASSAN RIBEIRO

Juiz de direito em Porto Alegre,
mestre e doutor em direito.

SUAVIDADE

Querer ser ...para ti
como o vento
suave, toca as folhas das árvores
e até as copas mais altas balançam.

Tão suave que se pode ouvi-lo roçar nos bambus.

Sem ser violento,
como, quando, nas tempestades,
arranca as mesmas árvores,
destroi os telhados
e, no mar,
cria ondas colossais.

Mas necessário,
como a brisa
em dia ensolarado e que,
na imensidão do deserto inabitado,
faz a areia passear de duna e duna,
e, na primavera,
movimenta as florezinhas coloridas.

Virar, enfim,
um redemoinho,
para poder te abraçar
sem jamais te prender.

DONALDO SCHÜLER

Professor e escritor, foi patrono da Feira do Livro de Porto Alegre em 2004. Entre suas obras, destaque para: *Império Caboclo* (1994), *Antígona, Sófocles* (1999), *Finnegans Wake / Finnicius Revém* (1999, 2000 e 2001), *Origens do discurso democrático* (2002), *Heráclito e seu (dis)curso* (2007), e *Odisséia, Homero* (2007, em 3 volumes).

REFLEXÕES SOBRE A OBSCENIDADE

Se derivamos *obscenidade* de cena (*scena*, em latim), a obscenidade floresce em lugares situados fora de cena. Fora de que cena? Fora da cena de certos redutos. Há a cena e os controladores da cena. Acontece que mudam e com eles mudam os critérios de obscenidade. *Teresa filósofa*, um romance do século XVIII, foi considerado obsceno. Lemos, na capa de uma edição recente do livro, o anúncio sedutor, “um dos maiores clássicos eróticos da literatura mundial”. O que estava fora de cena outrora está em cena agora, migrando da pornografia para a eroticidade. Em bancas de revistas e em locadoras de filmes, vemos classificadas como eróticas imagens que a maioria de nós consideraria pornográficas. O *Ulisses* de Joyce, que chama anualmente milhares de turistas a Dublin, foi declarado pornográfico até os princípios dos anos 40 do século passado. Esse romance era considerado tão perigoso que só entrava clandestinamente nos Estados Unidos. *As flores do mal*, de Baudelaire, que hoje pode ser lido até por crianças, foi tirado pela polícia parisiense das livrarias poucos dias após sua distribuição. Na Europa, a imagem figurava na categoria de perigosa, banida da cena religiosa até o século VIII, sendo admitida só quando autoridades eclesiásticas advertiram que numa sociedade de analfabetos a imagem era o único modo de difundir instrução bíblica. Os artistas, no decorrer dos séculos, foram erotizando o corpo até despi-lo completamente. Miguel Ângelo ousou exibir o sexo de personagens sagradas nos murais da Capela Sistina. Um papa posterior mandou cobrir com véus indecências. Quem visita hoje o Vaticano vê as imagens res-

tauradas. O que num momento é tido como obsceno, aparece depois como piedoso no mesmo lugar.

Obscena é a comercialização de produtos que minam a dignidade humana, obscenos são os violentos, obscena é a exclusão, obsceno é o fomento da pobreza, obscena é a comercialização da droga.

O mal não corrompe o bem. Justos não praticam a injustiça, dizia Platão. Uma cidade impura como Atenas não perverte um homem puro como Sócrates. Não são os produtos maus que corrompem o bem. O bem é uma força, energia vital. Escolher o partido da vida ou o partido da morte é decisão de cada um.

Para um aprendizado pleno, nada está fora de cena. Que autoridade fiscaliza o aprendizado? O congresso de todos os que pensam. *No Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, lê-se que o mal destrói-se a si mesmo.

Os sonetos de Aretino, *Teresa filósofa* e a literatura de Sade atacam instituições. Instituições reagem declarando obscenas as obras que as agridem.

EMANUEL MEDEIROS VIEIRA

Escritor e advogado. Publicou 20 livros.

Participou de mais de 50 antologias, no Brasil e no estrangeiro. É detentor de diversos prêmios literários nacionais. Seu último livro publicado foi o romance *Olhos Azuis - Ao Sul do Efêmero* (Thesaurus Editora/FAC, Brasília, 2009).

EMIGRADOS

Emigrados:
seremos sempre,
emigrados.

Em busca de outro mar,
da última ilha,
seguindo os pássaros,
atrás do último pássaro.

De um mar a outro,
de uma ilha à outra ilha,
e, então, dormiremos,
uma noite sucedendo-se à outra.

FABRÍCIO CARPINEJAR

Poeta, Cronista, Jornalista e Professor, autor de dezesseis livros, oito de poesia. Sua coletânea *Canalha!* (Bertrand Brasil) venceu o Prêmio Jabuti/2009, um dos mais importantes do país, na categoria Contos e Crônicas.

Publicou o primeiro livro no Brasil com frases do twitter, *www.twitter.com/carpinejar/* (Bertrand Brasil, 2009). Em junho, lançou *Mulher Perdigueira* (Bertrand Brasil, 2010).

LIVREMENTE

Esperava o sol na casa de meu irmão Miguel em São Sepé, cidadezinha acolhedora de 25 mil habitantes no centro do RS. Nos fundos do seu quintal, sentei numa pedra enorme, esquecida por um guindaste ou um dinossauro. Contornava com a boca o caroço da maçã. Raspava as reentrâncias, brincando em morder a semente com a língua.

Os pássaros davam cambalhotas e perseguiam o que parecia ser, no primeiro momento, uma borboleta negra, uma bruxa, mas logo se mostrou um morcego. Espantoso: aves e morcegos convivendo como amigos de jardim, colegas da escola do cisco. Dia e noite entrosados, escuro e luz criando cumplicidade dos galhos e correndo na madrugada ainda sombria. Esguichos e piares se tocavam e se ajudavam na escada das sombras. O flamboyant meditava ao meu lado, com as raízes expostas (ou seriam pernas dobradas?). Não duvido que a árvore estivesse abrindo suas coxas de propósito.

Espantoso mesmo era um córrego que descia a lomba do pátio. Demorei a definir sua natureza. Um filete protegido por tijolos, que cortava o terreno na diagonal e sumia pelas frestas do muro. Um barulho de calha no chão, suave e desprezioso.

– Miguel, você tem um córrego?

– Não, é da cidade, respondeu e mudou de assunto.

A corrente seguia para o vizinho adiante que migrava ao vizinho seguinte e atravessava a rua José Cândido Ferreira. Um ziguezague estranho e encantador, não parando em poços

artesianos. Ninguém impediu o córrego de completar o passeio pelo morro. As casas foram construídas sem modificar seu desenho sinuoso.

Ele atravessa paredes e escarpas com suas pernas de vento. Nenhum dos moradores se projetou dono do córrego e o amarrou à sua residência. Respeitam sua vontade. Não o domesticaram, não o reduziram a um cão numa coleira. Não o balearam como invasor, não atiraram em suas costas, não discutiram sua guarda na Justiça. Não interromperam o corredor de ervas e cascalhos, não cercaram o tombo da água. Deixam-no ir, desimpedindo o caminho. Recebe uma preferência de pedestre, uma licença de gestante.

Se fosse numa outra cidade, alguém declararia que o córrego é seu e fecharia sua seqüência. Em São Sepé, ele é de ninguém. Um animal sussurrante, misturando-se à grama e ao barro, serpeando para se avolumar lá longe numa cascata.

Os habitantes não diminuem o valor daquilo que não enxergam. Ter é deixar ir.

O córrego não cansa de voltar.

GILBERTO SCHÄFER

Juiz de Direito, Professor de Direito Constitucional,
Mestre e Doutor em direito público pela Ufrgs, um
dos editores do site Judiciário e Sociedade
(www.magrs.net).

FUTEBOL E DESEJO

Que M.! Perdemos!

Desliga o rádio, filho! Está na hora de dormir. Já é tarde.

Lembro-me dessa cena. Torcedor do Grêmio, acompanhava os jogos pelo velho rádio à pilha que levava ao quarto. Naquela época, no distante Município de Campo Novo, as partidas dificilmente eram transmitidas pelo único canal de televisão disponível na repetidora local para que pudessem ser assistidas no aparelho à válvula, aquele em que a imagem demorava a aparecer. Em minha mente criava todos os lances, com base na voz vibrante dos locutores esportivos. E você sabe, locutor tem criatividade para transformar lances sem expressão em jogadas maravilhosas.

Naquela noite sofri muito, pois meu time havia perdido a partida. Na expressão que meu pai repetia com um orgulho contraditório, eu era “um gremista fanático”. Eu acompanhava os jogos, sabia a escalação, argumentava. Vibrava. Sofria! Naquele momento sofria, frustrado.

Nesta altura, algum torcedor do internacional, em decorrência desta nossa rivalidade rio-grandense, pode estar dizendo: “Bem feito! Era novo, trocasse de time!” Espere, aprendemos desde cedo que tal atitude é inaceitável.

Tive, então, um *insight*: o meu sofrimento era causado por aquele fanatismo. Aquela vinculação desabrida ao time é que me causava a dor dilacerante, que só quem sofre demasiadamente com as derrotas conhece. Sentia que o desejo

muito grande de vitória é que me causava aquele dissabor, frustração e sofrimento.

Eu era fanático! Um apaixonado, que me alimentava pelo contínuo acompanhar dos jogos e das notícias. Para curar aquele sentimento excessivo era necessário parar de me envolver, não dar tanta atenção ao esporte bretão.

Não me recordo bem o que fui fazer. Creio que busquei ocupação nas brincadeiras de tabuco de taquara, casas nas árvores – onde fui arquiteto e construtor – e na leitura, que logo me despertou interesse. Apenas sei que deixei de ser fanático e sofri menos. Do futebol mantive uma distância regulamentar – com vários impedimentos. Alegravam-me as boas notícias; as más notícias não me entristeciam tanto. E a tristeza não durava muito.

Aquele momento, ainda, me faz refletir. Quantas vezes, por alimentar um desejo muito grande, uma grande paixão, nos causamos um sofrimento desnecessário. Não chegaria ao extremo budista de eliminar o desejo para eliminar o sofrimento. Afinal é o desejo que nos impulsiona, nos faz caminhar. É a nossa energia criadora. Precisamos conviver com as aspirações e, como consequência, com a frustração, quando as pretensões não se realizam. Há, entretanto, necessidade de dominar os nossos desejos, para que eles não se tornem fonte de nosso sofrimento ou, ao menos, de um grande sofrimento. E, o principal, ter a capacidade para discernir quando se trata de um projeto nosso ou quando simplesmente tomamos um projeto de outro, que apenas preencha o nosso tempo, nessa existência efêmera.

Algumas coisas são apenas boas distrações que ajudam a passar melhor por aqui...

GLADIS DE FÁTIMA FERRAREZE

Juíza de Direito, atuando como assessora das Vices-
Presidências do Tribunal de Justiça do RS.

LE LUM, BIG LUM

Domingo de manhã na Tailândia, em Bangkok. Desistimos do passeio do grupo porque levantar às 6:00 horas só para assistir a oração dos monges budistas, desculpem, depois do 15º dia de viagem, não foi mais interessante do que a cama.

Preferimos o táxi ao *tuc-tuc*, já que no primeiro tem ar-condicionado. Devidamente acomodadas, anunciamos o destino (o primeiro shopping pelo qual passamos, e nada pudemos comprar). O motorista, um tailandês de cabelo escovinha muito sorridente e conversador.

Depois da tradicional pergunta "*where are you from?*" e da resposta, e já ouvindo o também tradicional desfiar de nomes como Ronaldinho... Ronaldo... e cia. engatamos uma conversa surpreendente em um "inglês de índio" como eu chamei: tudo muito simples, basicamente o pronome e o verbo – este, às vezes mal conjugado, seguido de muitos gestos. Como o gentil motorista nos informou que aos domingos o shopping só abriria às 14 horas (estranho, porque no hotel nos informaram às 10h30min) , pedimos para ir a uma feira local, que fora indicação do nosso guia.

Voltando ao motorista, como eu disse, surpreendente num primeiro momento, porque estávamos entendendo um ao outro. Falava tanto que dirigia quase virado para trás. A cada semáforo puxava o freio de mão e se virava para continuar a conversa do sinal anterior.

Conversamos sobre futebol, algo sobre uma copa da Europa que passa no canal local. E quando, já íntimos, entrando

no campo pessoal, soubemos ter ele vindo do interior e estar morando sozinho sem a família porque o local onde vive é muito pequeno e aí se explica parte do título, não compreendido por mim na ocasião, ou seja, “le lum”. Calma, que já explico o que seja o “lum” porque o “le” não descobri até agora.

Mais um trajeto em velocidade compatível com a cidade vazia, nova parada e ele complementa: No “big lum”, eu e Jucelana nos olhamos. Demorou um pouco mas, enfim, a luz. Ah! big lum, *big room* dito em tailandês. Então, “le lum” quer dizer quarto pequeno.

Bem, depois de tamanha intimidade, o taxista se entusiasmou e engrenou nova conversa bem mais rápida, definitivamente não compreendida por nós. Ele mostrava um cartãozinho e dizia algo relacionado a cupom de gasolina. Tá, tudo bem, devíamos ter desconfiado, mas nós ríamos tanto com a situação e com a tal conversa em tupi-guarani, que relaxamos.

Resultado, terminamos em um lugar não identificado, mas que tinha uma loja de souvenir, é lógico, com ele acenando o cartãozinho. Se comprássemos ele ganharia gasolina de graça. Indignadas, pagamos e descemos do táxi, marchando para a loja a fim de descobrir um modo de ir onde queríamos.

Pergunta daqui e dali, sem descobrir nada, saímos para achar outra condução e surpresa! Lá estava o “le lum”. Indignadas ainda, é lógico, e achando que, enfim, havíamos nos entendido, fomos nós novamente.

Finalmente, compreendemos que ele havia nos enganado com relação ao horário do shopping, para nos levar onde ele teria benefícios. Afinal, eram duas loiras. Então, fizemos o escovinha mudar o trajeto e, finalmente, chegamos ao paraíso das compras, mas tivemos que pagar novamente. A nossa indignação se traduziu em entregar todos os trocados

que tínhamos, bem menos do que mostrava o taxímetro, sem que o motorista tivesse feito um esboço de reclamação.

Aprendam, não se dá conversa para motorista de táxi, de cabelo escovinha, que mora em Bankgoc, em um domingo de manhã. E não digam que já sabiam porque daí não tem graça.

JOSÉ CARLOS TEIXEIRA GIORGIS

Desembargador aposentado. Coordenador do Memorial do Judiciário do RS. Professor da Escola da Magistratura. Participou das antologias *Contos de Oficina 20* e *Contos da Panela do Candal*.

Autor das obras jurídicas *Direito de Família Contemporâneo*, *Paternidade fragmentada*. *Prazos no processo penal*, *A lide como categoria comum do processo*, Notas sobre o agravo e textos em numerosas obras coletivas.

OS RETRATOS NA SALA

Dizem ser influência dos astros; outros, uma tendência, talvez mania: é o hábito de guardar coisas antigas, papéis, bilhetes; há quem colecionem armas, fósforos, ou pelos pubianos; um pacote invicto de liberty oval, gibi, papel higiênico; um questionário do tempo de colégio, ainda perfumado; livros.

Contudo nada se compara ao álbum de fotografias, algumas tradicionais, como o bebê no primeiro nu artístico; os irmãozinhos estáticos e olhos arregalados, a roupinha de marinheiro, vaso de flores ao fundo, uma cortina; primeira comunhão; depois um flagrante na rua, baile de debutante, as férias na praia, time de futebol; casamento, filhos imberbes, neto no colo.

A sisudez da senilidade.

Muitos preferem guardar as poses em caixas, onde tudo se mistura; a idade, gestos, as paixões de longe; cavoca-se o fundo à procura de um instante; os episódios ressuscitam; ou se afoga a lembrança perigosa no meio dos documentos amarelados.

Quando se abandona a casa paterna, a mala não leva infância ou adolescência, as fotos ficam descuidadas no baús do porão; é que uma geração vai nascer da convivência com o parceiro escolhido, outras coleções se organizam; o ator muda em coadjuvante, é o fenômeno de dissociação familiar.

Os fatos esgaçam a memória posta, as recordações afundam; e a reminiscência se cala perante a sensação

recente; as pompas arrefecem quando o pretérito se dilui no esquecimento.

Muitas vezes a estampa fica na muralha doméstica junto com relógio, a poltrona em que o avô cochilava; uma escrivaninha de mogno.

Então, o morador se orgulha da gravura pregada, a ostentação mede o prestígio do ancestral; sua fidelidade preserva a linhagem e conserva o mérito; sua exclusão é o banimento do imaginário familiar.

Os romanos tinham um altar onde colocavam as efígies dos avoengos, todos merecedores de orações e cultos; a mulher casada adotava a religião do marido e o grupo rezava à beira daquelas figuras. Luiz Antonio de Assis Brasil escreveu texto seminal onde afirma que os antepassados desconhecidos estão encravados em nossas peles; em nossos pensamentos e no sangue.

É melhor mirá-los nas fotografias do que perdê-los na invisibilidade do tempo; ali se familiarizam, ganham nome, lugar, podem ser mostrados às visitas. Enfeitam as paredes.

Num ensejo quando se olha o velho encarquilhado, a gente descobre rugas no próprio rosto; e que os cabelos grisalhos, quem diria, estão iguais ao do parente; quando se caminha o pai se vê; um trejeito, o modo de falar; a evidência assusta.

Sucedem que um dia esses retratos e as caixas que guardam os álbuns vão para o lixo, pessoa indiferente acha que não têm mais serventia, afinal quem eram?

E depois de triturados, viram pasta; e novamente o papel que vai capturar a imagem agora do nosso descendente, em séquito contínuo. Eterno.

Igual aos retratos pendurados na parede da sala.

JOSÉ NEDEL

Bel. em Letras Clássicas, Filosofia e Direito. Mestre e
Doutor em Filosofia. Magistrado aposentado e
Professor. Obra mais recente: *A curvatura da razão*.
Poemas, 2009.

MÓ DE CIMA

Logo que a mó, tomaram-me (a de cima),
Perdi meu job: não pude mais moer.
A fome agora, não de letra ou rima,
É de pão: já não resta-me um sequer.

Deixar-me a mó de baixo foi (se estima),
Para a memória nunca perecer
Da fatura de então, em tudo opima,
Que logo após findou por se perder.

Obra de quem? Ninguém mostrar-se pode
Alheio ao mal que em toda parte explode,
Por força de delitos capitais.

Pecados de outros lotam-nos, e os nossos,
Qual mó, esmagam-nos a carne e os ossos.
Culpas pagamos – mesmo as de ancestrais.

*Não se tomará como penhor as duas mós de um moinho,
nem só a mó de cima. (Dt 24, 6).*

JULIANA MEIRA

Poeta, Advogada, autora de *Poema Dilema*, Ed.
Porto Poesia, 2009.

fenece a tarde cinza
como o sopro da chaminé
em frente a casa
o cedro envelhece

enquanto faço versos
em minhas mãos dançam rugas
que ao contorno da escrita obedecem
aduncas

contemplo o balé
que tantas tardes
se encarregaram de compor
à pele em flor

no entanto faço versos
como os galhos encanecidos
das árvores que serenamente
seguem o vento

MAFALDA DOS SANTOS

Poeta, Economiária e Professora. Quatro livros publicados. Participou, como colaboradora, em 2008 e 2009, do *Caderno de Literatura da AJURIS*. Publica, anualmente, suas poesias no livro *Palavras*, da Associação das Escritoras e Jornalistas do RS: AJEB. Em 2008 / 2010, premiada no Concurso de Literatura da Caixa Econômica Federal, no gênero poesia.

INSENSATEZ

E se fala em comunicação
Quando está perdido o perdão;
E se incentiva a leitura
Quando ninguém mais acredita;
E se exige a cultura
Quando nem se dá a escrita;
E se suplica, do corpo, a cura,
Quando o espírito é desprezado;
Se critica, por demais, a criatura,
Quando nosso vizinho fica isolado;
E se enaltece o valor da reza,
Quando a oração não se preza;
E se venera o amor ao filho,
Quando se foge de ouvir: Mãe!
E se debocha do brilho.
Quando a escuridão se impõe;
E se grita não à guerra,
Quando não se sabe o que é paz;
E se exige mil coisas da terra,
Se nem plantar se é capaz...

Marcel Citro

Juiz federal em Porto Alegre, professor de Direito Tributário na ESMAFE (Escola da Magistratura Federal)-RS e Diretor Cultural da Associação de Juízes Federais do RS. É autor do livro de contos *Noite do Sáurio* (Porto Alegre, Ed. Movimento, 2004) e participa em diversas antologias de contos e narrativas curtas.

DIA DOS NAMORADOS

Você percorre a rua deserta até o carro estacionado. Passa os olhos ao redor, não vê ninguém. Desliga o alarme e entra. Retira a tranca, põe a chave na ignição, escuta uma batida no vidro. Olha para a janela do carona, vê um homem. Junto a sua porta, outro. Você sabe que é um assalto.

Você abre a porta. O branco senta atrás, e encosta a arma em suas costelas, o mulato fica a seu lado. Mandam tocar para a zona norte. Você dirige com dificuldade, as pernas tremem. Avisa que há um caixa eletrônico ali perto, quase sempre vazio. “Nosso negócio não é esse”, e você, que possui um carro novo e um apartamento confortável, passa a temer mais do que um seqüestro relâmpago.

Os filhos estão em casa, a mulher também. Não deve deixá-los entrar lá, tem que pensar em alguma coisa. As mãos suam, resvalam na direção. Você tem que pensar em alguma coisa!

“Mais rápido, mais rápido!” e você acelera, procurando por uma viatura. Sente o cano da pistola pressionar sua nuca, sabe que eles nada têm a perder. Pensa de novo na esposa, nos filhos. Você transpira e reza, lembra-se que não pode encará-los, fazer movimentos bruscos. Escuta as vozes pastosas, você tem certeza que o cara que segura a arma está chapado.

Continua dirigindo, não vê policiais, pouca gente na noite de doze de junho. O mulato manda suspender os sinais de luz para os carros que passam. “Pensa que é esperto?

Vou arrebentar tua cabeça!" Você nem tinha pensado nisso, mas opta por permanecer calado.

A avenida vai ficando mais escura e mais deserta, você não vê viaturas, se é para arremeter o carro contra o poste o momento é agora. Uma aceleradinha e pronto, é segurar firme a direção e jogar a lateral deles contra o concreto. Abrir a porta e sair correndo...

Você precisa calcular bem a velocidade da batida, senão a sua porta deforma muito, emperra. Consulta o velocímetro: setenta por hora. Vai até os oitenta, o coração acelerado, e perscruta o meio-fio. Vê somente a calçada irregular, casas modestas, algumas placas de sinalização. "Tira o pé e vira a primeira à direita". Você obedece.

O asfalto vai afinando até virar paralelepípedo, e depois chão batido. O carro tem quatro portas, motor potente, bom para roubar bancos. Eles não querem caixas eletrônicos.

As luzes vão desaparecendo, você dirige por uma estradinha esburacada, ladeada por um esgoto. Há lixões em ambos os lados, o odor penetra pelas frestas dos vidros. Você se desespera, por que ainda não o puseram no portamalas?

Você pergunta qual o plano deles, "fica na tua e continua dirigindo". Diz que tem mulher grávida e dois filhos pequenos, mente que é médico, já salvou muitas vidas em um postinho do Morro da Cruz. Mandam calar a boca. Você volta a rezar.

Você olha para o relógio do painel, só se passaram quarenta minutos. "Pode parar aí" e o carro estaca em frente a um rancho de madeira ao lado de um lixão. "Passa a carteira para cá. O celular também". Você obedece, e lembra da pistola que guarda no criado-mudo, ao lado de sua cama. O branco remexe nos bolsos de seu casaco, o mulato examina

a carteira. Eles estão distraídos, mas você sabe que suas pernas estão trôpegas demais.

Você olha para a lua, para as estrelas. Você está chorando.

O branco encontra o anel que sua mulher ganharia no aniversário de casamento. "Olha que legal, minha namorada vai gostar". O mulato encosta o revólver na sua cabeça e faz o tambor girar: aperta o gatilho uma vez: clic.

A pistola ao lado da cama a mãe sorrindo pés descalços na primavera primeiro dia na escola morango com *chantilly* beijo na chuva sutiã de renda pai no hospital o filho nascendo eu também te amo a pistola ao lado da cama clic outra vez.

Você ouve o tiro.

MARCIA KERN PAPALEO

Juíza de Direito.

MAQUIAGEM INÚTIL

Sobrevivi. E como vês diariamente, tenho sobrevivido. Juro que pensei que não seria possível. Aliás, se tempos atrás me dissessem que tudo isso aconteceria comigo acharia que era piada. O fato é que aconteceu. Seis meses passaram e eu aqui, firme, ou quase. Tu, como sempre sendo o centro das atenções. A tua morte repentina foi uma bomba. O choque, a dor da perda e noção de que a vida se vai assim, sem aviso prévio.

No meio do tumulto os mais atentos e menos aturdidos puderam observar que a dor da viuvez não era só minha. No princípio, eu mal conseguia concatenar. Era como se uma estranha simplesmente quisesse se aposar da minha condição de mulher só, desamparada e louca. Eu não conseguia fazer qualquer ligação entre essa impostora e uma existência contigo. Só nós dois existimos um dia.

Tempos depois veio o papel, as coisas escritas pelo advogado. Um pouco, quase nada, dito por ela. Não se pode contar uma história de amor nas folhas de uma petição, mas a história de vocês combina perfeitamente com o formato cartesiano. Um texto que lendo, até que convence. O casal vivendo em união estável e a descrição de todos os requisitos ordinariamente observados. Até eu acreditaria, não fosse a crença de que desconheces o que seja se unir a alguém. Durante todos esses anos sempre fomos antagonistas, adversários imaginando manobras para manter nosso casamento.

O talento para acreditar que nada está acontecendo quando o mundo está ruindo sob meus pés descalços foi o que me manteve em frente ao espelho, passando rimel e corretivo nas olheiras.

No corredor do Fórum o Edgar, que além de advogado tem sido amigo, fez as apresentações. A figura dele, displicente, contrastava com a do advogado dela. O gel no cabelo impecavelmente penteado, parecendo ter nascido dentro daquele terno azul-marinho arrematado com uma contrastante gravata vermelha. Qual deles escolherias teu advogado? Já não sei.

Enquanto eu suava nas mãos e tremia nas pernas sentindo que a base escorria pelo rosto levando junto o rímel, o corretivo e qualquer coisa que disfarçasse minha alma, ela estava lá, absolutamente tranquila. Ela era puro frescor. Ar blasé emanando perfume de chá verde. Cara de paisagem com notas de alfazema. Agora todos, o advogado dela, o Edgar e até o juiz gordo de camisa aberta no peito pareciam hipnotizados com a só presença daquela mulher. E ela, com a aquela cara de quem não queria nada, queria sim. Queria carro, casa e pensão.

O Edgar disse que não tão simples. Afinal, nós eramos casados. Vivíamos juntos. E, pra ser sincera, eu até que estava tentando ficar alheia a tanta mesquinharia. Ela que faça bom proveito da pensão. Pouco me importa o carro e a casa. Se pra ela é isso o que fica, pra mim fica a certeza de que querias sim, ainda e muito ficar comigo, já que nada te prendia a mim senão o nosso amor. Mas quando vi que ela era real, a crença de que te conhecia escorreu junto com a minha maquiagem inútil. Não sei a quem amei. Por que ela? E por que apesar dela eu, ainda? Enquanto eu não tiver respostas não terei paz e serei parte do teu inferno, que é onde espero que estejas agora.

MARIA CARPI

Poeta, Professora e Defensora Pública aposentada.

Livros mais recentes:

A Migalha e a Fome (Vozes/RJ), *A Força de Não Ter Força* (Escrituras/SP), *As Sombras da Vinha e O Herói Desvalido* (Bertrand/RJ) e *Abraão e a Encarnação do Verbo* (AGE Editora/POA).

O SONHADOR

Caminha o sonhador com o sonho
em frente, guiado e guiante

e por serem constantes, recíprocos,
com sonhar e responder, chegam

a emparelhar os passos e as mãos
darem-se. Se o sonho esmorece,

também aquele nessa trilha
já definha, se o sonho tomba,

ali o sonhador entrega-lhe a vida.
Casos há, porém, que o sonhador

continua com tamanho intento
que o sonho lhe adere, arrastado

ao corpo. E ara e revolve a terra.

(Do *Caderno das Águas*, WS Editor/1998.)

NEI MITIDIERO

Juiz de Direito aposentado. Advogado e escritor.

Autor de *Comentários ao Código de Trânsito Brasileiro – Direito e Trânsito e Direito Administrativo de Trânsito*, e *Crimes de Trânsito e Crimes de circulação Extratrânsito*.

NA TEIA DA ARANHA

Escurecia.

O Amarelinho abria as portas. O barzinho era frequentado por quem procurava companhia feminina nos idos porto-alegrenses dos anos 60.

Entrei. Queria revê-la.

Observava-a sentada a um canto. Bebia martini com gelo. Em repentes, às vezes deslizava as mãos sobre a toalha branca da mesinha que invariavelmente ocupava. Logo, de chofre as imobilizava. E as mexia céleres. E aí se deixava ficar inerte. Absorta, o olhar fixo no canto alto das paredes.

Estranhava o jeito dela. Mas gostava da pele negra, sem ser retinta, dos olhos amendoados e escuros que escondia atrás dos óculos. Por instantes parecia sorrir. E me olhava fugidia.

Agora dançava. Sozinha. Sua dança era única, escultural com fugazes e rápidos trejeitos. O olhar errava inquieto pelo salão, mas não se mostrava ansioso por companhia. Talvez só a quisesse por dinheiro.

Desta vez, a procurei. E a descobri sensual, de pele aveludada, capaz mesmo de enredar-me em seus encantos.

Vagueamos, então, pelas casas da noite. Alta madrugada. Acabamos num antigo boteco de balcão de granito, com móveis velhos de fino gosto e uma grande mesa redonda ao fundo. Sentamo-nos nesta. O Bagé, um negro bonachão de cabelos ralos e brancos, atendeu-nos com todas as honras das quais Laís era merecedora.

A noite tornava-se pequena. Os conhaques, as cervejas se sucediam. Bagé serviu-nos delicioso caldo, com grãos pretos minúsculos que pareciam mover-se. Os olhos de Laís percorriam-nos, ávidos, gulosos. As bolinhas pretas se moviam, mesmo, no prato de sopa.

Saímos. A poucos passos dali, estávamos à porta de vetusta casa. Ali mesmo no Areal da Baronesa, em frente a abandonado solar. Do terraço deste, detrás da coluna, alguém nos espiava. Aparecia. E se escondia. Vestia terno branco e, à cabeça, trazia um chapéu panamá. Logo tirava para dançar translúcida jovem saída lá de trás.

Os fantasmas do solar dançavam.

A casa de Laís, de paredes de um azul desbotado quase branco, era acolhedora. Os móveis clássicos que a adornavam faziam bonito nos antiquários do Bom Fim. A cama era aconchegante, os lúbricos carinhos de Laís, indescritíveis. E ela, depois de enlaçar-me em seus braços e nos entregarmos, dizia-se minha. Adormecíamos.

Na escuridão do quarto, ouvi-a murmurar. No entressonho, choramingava e sussurrava chamando pela sua mãezinha. Mexia-se e remexia-se na cama. Agora a vislumbrava acordada. Encolhia-se toda. Logo dormíamos.

Mais tarde, de tanto silêncio, despertei. Laís não estava mais na cama. O sol apontava os primeiros raios através das venezianas. Infiltrava-se na casa. Só então pude vê-la.

Ela estava... no teto.

Laís estava no canto do teto, lá em cima. Dormia enrodihada numa teia de aranha. Parecia feliz, enquanto uma grande tarântula de olhinhos negros e vivazes a vigiava.

NELSON OSCAR DE SOUZA

Desembargador do TJ/RS aposentado e Professor.

Mestre em Direito do Estado.

Autor de artigos publicados em revistas e da obra

Manual de Direito Constitucional (3ª ed.).

Ex-Corregedor-Geral de Justiça.

PERMANÊNCIAS

Para Ayda, evidentemente

A nossa
que deslumbrante
que maravilhosa aventura humana...

Embora, esta noite, talvez não haja estrelas !

Aguardemos.

O luar sempre suavizou os nossos caminhos.

Ei-lo.

Sentemo-nos,
ombro a ombro,
incomensuravelmente juntos como dantes,
como sempre.

Ouçamos as águas desta fonte
alegre e gazeteira
entre os verdes e as flores
esmaecidas de cor
pela noite enluarada...

Sinto-me feliz.
Somos felizes...

A alfombra matizando os sons
e os tons
no perfumoso odor dos jasmineiros...

Amamo-nos assim
simplesmente assim,
na presença e no silêncio...

E na mais sutil profundidade de nós mesmos
vivenciamos,
nos expressivos guaches daqueles peraltas todos,
meninos e meninas,
insuperavelmente álacres
como convém,
a suprema continuidade de nossos destinos !

Por isso,
por eles e por nós,
somos felizes !

NEWTON FABRÍCIO

Juiz de Direito, autor do livro
Peleano contra o Poder.

SILENCIOSA POESIA

O poeta não cala:
pensa.
Às vezes, não fala:
sente.
Outras, não escreve:
espera.
De quando em vez,
esguelha o branco
do papel: desenha.
Do verso torto que
não saiu, improvisa
uma luneta: espia –
a estrela brilha.
Nua.

SÓCRATES E A ÚLTIMA COXILHA MISSIONEIRA

– *Tu penses a quoi maintenant?*

– *Je réfléchis sur les choses que j'écris.*

– *Tu écris seulement à ce sujet, les luttes de ton peuple, l'histoire de ton pays?*

Ele olhou pra ruiva ao seu lado, de uns 20 anos, uns dois a menos que ele. Nos breves segundos em que ponderou a resposta que lhe viera pronta à mente, analisou-a. Era de não se jogar fora: cintura fina, cabelos lisos nos ombros, algumas simpáticas sardas no rosto, um sorriso tão suave quanto a malícia da pergunta. Sabia que fazia Filosofia, sendo colegas na cadeira opcional de Francês há cerca de três semanas. Antes de responder, pensou um instante, intrigado, que ela devia conhecer o seu site (quem lhe contara?) e que possivelmente soubesse que fazia História. Só então respondeu:

– Penso também em outras coisas...

– Por exemplo...? – tornou ela, ampliando o sorriso.

Essa ruiva quer jogo... – pensou ele.

– Penso em discutir a ética de Sócrates e o existencialismo de Sartre, em uma noite dessas de inverno, abaixo de um céu estrelado, saboreando um Chianti, acompanhado de uma ruiva inteligente e...

– E...? – disse ela, mais uma vez evidenciando o seu interesse no brilho do olhar, a lhe descortinar a alma.

Pensou em dizer – “e algo fogosa...” –, mas o papo parecia promissor. Preferiu rimar e deixar o atrevimento pra mais adiante:

– ...e espirituosa... ou algo assim... – acrescentou.

Ela pra boba não servia. Sorriu, dando a entender que sabia que a palavra que ele pensara era outra. E perguntou:

– Mas, onde discutir Filosofia, bebendo vinho, olhando as estrelas em Porto Alegre, em segurança?

– Guria, guria... quem disse que era em Porto Alegre?

– Onde, então, moço?

– Acampado no meio do mato, na beira do Inhacapetum, lá no último rincão da Velha Bossoroca...

A ruiva meio se desconcertou sem saber ao certo se era uma ironia, ou não. Pela primeira vez pensou um pouco antes de falar. E, também pela primeira vez, trocou a pergunta direta por uma enviesada.

– Tu tá brincando comigo...

Era a hora de ampliar a resposta à pergunta provocativa, feita em francês, o momento de dizer o que ela nunca ouvira.

– Não, mocita. É apenas a minha forma de te dizer que – sem repetir o poema de Gullar –, uma parte de mim são raízes; outra, a busca da imensidão da vida; e que ambas podem se encontrar no bar da Filosofia, ou da História. Mas prefiro que se encontrem numa noite invernososa, depois que a lua se esconder lá adiante da última coxilha missioneira...

Ela bateu três ou quatro vezes a caneta na tampa da classe, enquanto olhava pra ele, pensando no que ouvira. Quando abriu a boca pra responder, tocou o sinal.

Ele ficou com a impressão de que ela iria dizer, simplesmente: – Topo. Mas o sinal a desarmara.

Olharam-se. Ele viu que o momento mágico tinha passado. Tinha que recuperar aquele instante, aquele olhar esverdeado de soslaio. Então, olhou no fundo dos olhos da ruiva e perguntou, antes que fosse tarde:

– Começamos com Sócrates ou Sartre?

Ela o olhou ainda mais fundo. Suspirou e disse:

– Começamos com a rima... algo espirituosa...

NILTON TAVARES DA SILVA

Juiz de Direito em Porto Alegre/RS.

ODE À VIDA

Das remotas e agradáveis lembranças da infância e início da juventude, guardava comigo aquelas sensações prazerosas que decorriam das corridas eventualmente inseridas nas brincadeiras e aventuras, com meus irmãos e amigos da época. Já adulto, envolvido na dura lida profissional que priorizava, passei a distanciar-me mais e mais das atividades físicas, sobretudo da corrida. Achava, na minha visão tacanha de então, que não ficava bem para um intelectual ser visto correndo feito louco pelas ruas das cidades.

Com alguns anos nas costas, já na casa dos “enta”, a consequência inevitável: excesso de peso, estresse, insônia, pressão alta, colesterol elevado, auto-estima em queda livre e assim por diante. Portanto, uma amarga e pesada conta me foi apresentada...

Premido pelas circunstâncias, retornei pouco a pouco às atividades físicas. Recomecei com caminhadas, natação e musculação, obtendo prestimosos ganhos. Contudo, já com medicação para controlar a pressão arterial, igual providência foi aventada pelo cardiologista para reduzir o colesterol que continuava elevado. A derradeira tentativa com grandes possibilidades de êxito haveria de ser uma atividade “impactante”.

Foi assim que, em uma esteira de academia, deu-se o recomeço, idêntico, aliás, ao de tantos e tantos outros corredores. Trote de cinco minutos, dez, quinze... Quando me dei conta estava correndo com naturalidade e gosto, por mais de hora. Daí à corrida de rua, às competições, ao ingresso

em um grupo de corrida em Porto Alegre, foi um passo. Fiz novas e sólidas amizades e o hábito de correr, enfim, passou a fazer parte do meu cotidiano. Na mala de viagem, por exemplo, mantenho sempre um *kit* completo para prática dessa saudável atividade.

Não preciso dizer que passei a ter a pressão arterial sob controle, colesterol em níveis ideais e, de lambuja, a inabalável convicção de que a minha idade cronológica não condiz em absoluto com o meu estado de espírito. É como se tivesse rejuvenescido, tanto assim que meu entusiasmo pela vida, para resumir, é semelhante ao dos meus dois filhos com seus vinte e poucos anos.

Em resumo, corro não só pelo indescritível prazer que só os corredores podem compreender, mas também porque, a par da excelente qualidade de vida que nos dias atuais usufruo com disposição e saúde invejáveis, tenho consciência que, de quebra, faço uma fabulosa “poupança” para os dias que virão. Corro, pois, por todos esses benefícios de agora, percebendo de forma pujante o maravilhoso pulsar da vida em sua plenitude, assim como por um futuro melhor à medida que o tempo de forma inexorável for impondo-me restrições.

Corro, para arrematar, por indelével amor à vida!

PAULO FERRAREZE FILHO

Advogado e Mestre em direito pela Unisinos.
Professor da FURB.

TEMPO AO TEMPO

E com o tempo,
até o tempo mudou.
As horas, cansadas do barulho
dos ponteiros do relógio e do cuco
gritaram por anistia aos ventos
e com o tempo se tornaram meses
vivendo felizes para sempre nos
calendários de papel de
aproximadamente trinta dias.
Também o inverno, que já não era
um rapaz de vinte e poucos,
pediu um tempo para pensar
eis que tinha os sentimentos congelados.
Sua frieza era tanta que adoeceu e,
poucos dias depois de janeiro, gripado,
morreu de frio e de tristeza.
A lua, aborrecida com a condição
de espelho dos astros, pediu licença
às galáxias e saiu do palco montado.
Tornou-se um estrela como as outras
e agora ninguém mais sabe aonde está.
O tempo mesmo, o tempo eterno e imortal,
perdendo partidários e adeptos,
esmoreceu e sentiu que era hora de partir.
Concedeu férias aos relógios de pulso e de parede,
das torres e capelas, os de bolso e o das estações,
os digitais e os analógicos e ainda outros;

despediu sem perdão os horários e as agendas,
esticou uns lençóis anacrônicos,
arredou as folhas mortas que faziam coçar as costas,
apagou as luzes do universo e dormiu, serenamente.

PAULO SANT'ANA

Colunista do jornal Zero Hora desde 1971 e comentarista da RBS TV e da Rádio Gaúcha. Obras publicadas: *O Gênio Idiota* (1992), *O melhor de mim* (2005) e *Eis o Homem* (2010).

MEUS SECRETOS AMIGOS

Tenho amigos que não sabem o quanto são meus amigos!

Não percebem o amor que lhes devoto e a absoluta necessidade que tenho deles...

Eu poderia suportar, embora não sem dor, que tivessem morrido todos os meus amores, mas enlouqueceria se morressem todos os meus amigos! Até mesmo aqueles que não percebem o quanto são meus amigos e o quanto minha vida depende de suas existências...

A alguns deles não procuro, basta-me saber que eles existem.

Essa mera condição me encoraja a seguir em frente pela vida, Porque não os procuro com assiduidade, não posso lhes dizer o quanto gosto deles!

Eles não iriam acreditar! Muitos deles estão lendo esta crônica e não sabem que estão incluídos na sagrada relação dos meus amigos, mas é delicioso que eu saiba e sinta que os adoro, embora não o declare e não os procure.

Às vezes, quando os procuro, noto que eles não têm noção de como me são necessários, de como são indispensáveis ao meu equilíbrio vital, porque fazem parte do mundo que eu, tremulamente, construí e se tornaram alicerces do meu encanto pela vida.

Se um deles morrer, eu ficarei torto para um lado. Se todos morrerem, eu desabo! Por isso é que, sem que eles

saibam, eu rezo pela vida deles e me envergonho porque essa minha prece é, em síntese, dirigida ao meu bem-estar. Ela é, talvez, fruto do meu egoísmo.

Por vezes, mergulho em pensamento sobre alguns deles. Quando viajo e fico diante de lugares maravilhosos, cai-me alguma lágrima por não estarem junto de mim, compartilhando daquele prazer... Se alguma coisa me consome e me envelhece é que a roda furiosa da vida não me permite ter sempre ao meu lado, morando comigo, andando comigo, falando comigo, vivendo comigo, todos os meus amigos e, principalmente, os que só desconfiam ou talvez nunca vão saber que são meus verdadeiros amigos!!!

A gente não faz amigos, reconhece-os!

EU SÓ QUERO JUSTIÇA!

Não quero que me julgue um juiz culto ou erudito. Prefiro que me julgue um juiz justo. Quero que me julgue um juiz piedoso e compassivo. Mas que deixe de lado a compaixão, se for para ser justo.

Podem os juízes que me forem julgar ser severos ou condescendentes, desde que, ao me aplicarem a pena ou me absolverem, sigam somente os ditames de suas consciências cognitivas.

Prefiro que ao me julgarem os juízes se atenham menos à lei do que à vida.

E insisto que o juiz que me julgar leve em conta, ao me sancionar com a condenação ou me absolvendo, a possibilidade de minha regeneração.

Ou seja, que nenhuma pena se abata sobre mim se vier impossibilitar a hipótese de que eu nunca mais venha a delinquir.

Que o meu castigo não impeça jamais a minha recuperação.

* * *

Que o juiz que me for julgar tenha em conta, se me for condenar, a masmorra em que serei jogado, que tome consciência, sim, de que a pena que me impuser não poderá me

destruir como ser humano, atirando-me a um antro prisional que destroçará em definitivo todos os meus valores que ainda restam.

Mas que leve em conta o juiz que me for julgar, essencialmente, o dano que causei à minha vítima e a seus familiares assim como se eles estão bradando veementemente por meu castigo. Em outras palavras, que a pena que se abata sobre mim, se eu for culpado, contenha influência da insistência e veemência do pranto dos familiares da vítima que produzi.

E, se for justo apenar-me, que me apene, mas sempre baseado na esperança de que eu venha na prisão a emendar-me.

Na esperança ou na perspectiva.

* * *

Que o juiz que me venha julgar olhe nos meus olhos, me ouça infatigavelmente, nunca por nenhum detalhe cerceie a minha defesa e tenha bem presente em sua mente a natureza, a extensão e o conteúdo da acusação que pesa sobre mim.

E principalmente deduza firmemente o juiz que me for julgar se ao cometer o delito eu poderia tê-lo evitado, se havia ou não inexigibilidade de outra conduta minha.

* * *

O juiz que me venha julgar, quando pronunciar a minha sentença, deve ter bem exato em sua mente que jamais se

arrepende-se dela, que jamais transigirá dela, no futuro, a não ser para beneficiar-me, no caso de que fique provado que errou ao condenar-me.

Mas exijo do juiz que me julgue que, se eu for substancialmente culpado, me condene e me deixe bem claro que não havia outra coisa a fazer em defesa da lei, do Estado e dos que danifiquei.

* * *

Quero que o juiz que me venha julgar não tenha pressa nem se mostre lento ou hesitante. E, se for hesitar, que seja apenas para acautelar-se de um grave erro de sentença.

Exijo também do juiz que me venha julgar que se fixe com obsessão nas provas que eventualmente haja contra mim, que nunca se afaste delas por nenhum milímetro, assim como o fará com as razões da minha defesa.

* * *

Finalmente, desejo ao juiz que me for julgar que se orgulhe da sentença que pronunciou, tenha sido para absolver-me ou para condenar-me, que depois de pronunciá-la o juiz ou a juíza que me for julgar se olhe no espelho em casa e se sinta digno de sua missão jurisdicional, que depois vá jantar à mesa com seu marido, com sua mulher e com seus filhos e grite intimamente: "Eu tenho convicção de que hoje fiz justiça".

ROSA MARIA WEBER

Ministra do Tribunal Superior do Trabalho. Magistrada do Trabalho na 4ª Região até 2006. Ex-Presidente do Tribunal Regional do Trabalho do RS e ex-Corregedora Regional da Justiça do Trabalho.

I N C E S T O

a manhã iluminava as paredes da casa,
eu colhia em teus olhos o verde
e verdes matas sorriam em mim

crescia o mar em meus sonhos
e na cadência das vagas se espriava
a leveza dos dias

quando o luar invadia o quarto,
na urgência da tua pele na minha ,
em aconchego de conchas te abrigavas

naquela fachada - de tijolos e lembranças-,
desejos emprestavam à *tinta novos tons*
eram verdes as paredes da nossa casa
era meu o teu olhar em mim

ROSANA BROGLIO GARBIN

Juíza de Direito. Mestre em Direito.

PARA OS RATOS ROEREM

Velório é um evento único. Dos picos de tristeza que ocorrem no início e ao final, alternam-se períodos de certa euforia, incapazes de serem contidos, e muita, muita filosofia. Possivelmente a proximidade da morte faz com que lembremos a nossa finitude, deixando-nos mais nostálgicos. É, sem dúvida, um momento de reflexão. Frequentemente, de balanço da vida de quem morreu (já que ele não pode mais fazer isso).

– Coitado do Ateneu, morreu sem conhecer o Rio de Janeiro.

– Mas ele teve uma vida boa. Trabalhador, amigo de todos, ganhou muito dinheiro, criou uma grande família, deve ter morrido em paz.

– Ganhou dinheiro para os ratos roerem.

– Como assim? Ele investiu muito, mora, quer dizer, morava em um belo apartamento, deixou casa de praia.

– Que nunca utilizou!

– Que é isso, compadre ?

– E pensar que o Ateneu sempre que passava pela frente da minha casa gritava – E aí Luís, guardando dinheiro para os ratos ? – como que para lembrar-se de não fazer o mesmo.

– Que história é essa de dinheiro para os ratos?

– Não lembra? O Antônio que morava no final da rua.

– O Antônio morreu há anos. Tão novo!

– Pois então, dez anos depois, a empregada, limpando o sótão, encontrou um saco de notas, todas roídas. Mas também já não valiam nada. Lembra que ele morreu pouco antes do cruzeiro virar cruzeiro novo.

– Ah Luís! Nem lembrava mais essa história.

– Pois o Ateneu nunca esqueceu, mas parece que não adiantou nada. Morreu sem conhecer o Rio de Janeiro.

– Você acha que ele tinha dinheiro em casa ?

– Claro que não. Não é disso que estou falando. Quero dizer que ele deixou a vida passar sem realmente aproveitar. As coisas que lhe dariam prazer ficavam para uma hora melhor. E a hora certa nunca chegou.

– Não sei o que você quer dizer! Eu também faço minha poupança. Assim que me aposentar, vou pegar a patroa e fazer uma viagem por aí. Quem sabe até para o Rio de Janeiro.

– Pois eu aprendi com o Antônio. Não espero o amanhã chegar. Já fui muito além do Rio. O resultado do meu trabalho também é para me dar prazer.

– Sim, mas quando eu me aposentar...

– Já pensou que talvez você nem se aposente. Pois está aí a lista: O Antônio, o José e agora o Ateneu. Acabou que viveram para trabalhar e não trabalharam para viver.

– Eu não consigo deixar de ser previdente. Gosto de ter minha segurança financeira.

– Alfredo ! Você me conhece há anos, tanto eu como a Gildinha. É padrinho do meu João. Sabe que eu não sou de esbanjar. Mas a vida está aí para ser vivida. Não dá para esperar para amanhã. A gente nem sabe se o amanhã virá.

– Também não é o caso de achar que a gente vai morrer amanhã.

– Claro que não, Alfredo. Você realmente não está querendo me entender. Estou falando em aproveitar a vida. Não ficar só olhando para o horizonte, mas caminhar em direção a ele.

– Você acha, então, que não aproveito minha vida ?

– Isso eu não sei. Nem todo mundo quer conhecer o Rio de Janeiro. Outros querem ir muito além, atravessar o mar. Mas que o Ateneu queria ir ao Rio, isso eu sei.

– Ao Rio eu não sei, mas quero passear por esse nosso interior, isso sim.

– E por que não vai? As meninas já não são mais desculpa. Têm idade para se cuidarem sozinhas.

– Está tudo organizado. Próximo verão, eu e a Teresa vamos sair de carro. Quinze dias viajando. Já faz uns dois anos que estamos pensando nisso; no próximo verão, com certeza iremos.

– Pois eu gosto do Rio. Sempre que sobra um tempinho estou por lá. O clima é outra coisa. Nada desse frio daqui. Nem precisa esperar o verão.

– Bem, não vamos ficar nos preocupando com isso que, se Deus quiser, ainda teremos muito tempo para nossas viagens.

O compadre tinha razão. Estavam ainda moços. Velhos eram os que tinham vinte anos mais que eles. Por isso, foi pego de surpresa quando João ligou contando do falecimento de Alfredo. Pensou na mulher e filhas, que ficaram, e nos outros amigos que estariam no velório. Mas dessa vez não poderia estar presente.

No dia seguinte, Teresa, ainda abalada, leu os telegramas recebidos : “Meus profundos sentimentos pela perda de ente tão querido. Infelizmente não posso estar presente nesse momento. Att. Luís. Rio de Janeiro, 28 de novembro de 2009.”

TELMO KRETZMANN

Juiz aposentado. Bacharel em Letras Clássicas
Essências e Jurídicas. Professor de Latim e
Português. Bacharel em Línguas Românicas. Autor de
Sebentas (folhetos didáticos). Escritor de poesias
não publicadas em livros. Maestro criador de corais e
compositor de músicas.

AMOR INFINITO

Quando vier aquele dia
De tão desigual porfia
Contra o qual não há valia
Nem se inventou magia

Pra que um não fique só
Aguardando o tempo em vão
Em crucial consternação
Por mercê da santa dó

Benigno nos seja o destino
Sem rancor, sem desatino
Num só e mesmo momento
Com respeito e sentimento
Nos conduza ao ignorado
Talvez ao Éden tão proclamado

Onde ambos lado a lado
Reflorindo seguiremos
E assim persistiremos
Um do outro ternamente
Eternamente enamorado

TÚLIO MARTINS

Desembargador, escritor e jornalista. Presidente do Conselho de Comunicação Social do TJRS. Semanalmente publica coluna no espaço “Opinião” do Jornal *O Sul*. Integra o quadro de convidados do programa *Guerrilheiros da Notícia*, na TV Pampa. Co-autor do livro *Português para convencer*. Conselheiro eleito da AJURIS.

EU GOSTO DO PEQUENO PRÍNCIPE

Alguns livros têm uma fama muito maior do que seus méritos. São obras herméticas e de leitura difícil e cansativa, que por uma ou outra razão recebem elogios de vários formadores de opinião e, conseqüentemente, seguem reconhecidas e aceitas por parte significativa do público leitor. Cria-se um consenso de acatamento e exaltação que as mantém quase imunes a críticas. São escritos solenes e rebuscados, aparentemente dirigidos a iniciados e compreensíveis somente através de códigos, postulados, informações, princípios, dogmas e partições de saber a poucos acessíveis. Mas estão aí, misturados aos clássicos, às grandes obras e à fina flor da literatura mundial, entrincheirados na categoria do “não li, mas adorei!”.

Muitos outros livros – produções quase-definitivas em suas áreas de interesse – são recebidos de forma indiferente ou, eventualmente, até com nítida má-vontade. Seus autores são pesadamente criticados por opiniões, posições políticas, entrevistas, afetos e desafetos ou, até, por algum escrito anterior que tenha sido particularmente mal-sucedido. Na média do consumo de literatura o mais dessas obras sequer recebe a dádiva de uma trechada, ou seja, da leitura rápida de algumas passagens para a formação de uma idéia mínima de seu conteúdo.

Existe ainda uma terceira situação de grande injustiça artística, que é a dos livros difamados. São trabalhos que vão se tornando mal-vistos, quase sempre de forma lenta mas contínua, tornando-se, ao final, destinatários das piores críticas. Esses são vitimados por um preconceito cuja origem

muitas vezes sequer se identifica e que os confina a um círculo mínimo de leitores: os que não se importam muito com a opinião dos outros e que pensam por si mesmos.

É assim com “O Pequeno Príncipe”, uma brilhante alegoria que foi arrasada pelos maus leitores e pelo destaque dado a frases e passagens buscadas ao acaso e que fora de seu contexto soam como piegas e ingênuas. A origem da má-fama talvez venha dos anos sessenta, quando nos concursos de beleza as candidatas eram sabatinadas sobre suas preferências literárias e respondiam dizendo que gostavam mesmo do “Pequeno Príncipe” (inacreditável perguntar-se uma coisa dessas a alguém que participa de um certame para ver quem tem o corpo mais adequado aos padrões dos organizadores do concurso).

O restante é conhecido. O livro continuou vendendo milhões de exemplares pelos motivos certos e também pelos motivos errados e provando que é fácil aderir às opiniões pré-existentes, quer sendo contra, quer sendo a favor. Tudo o que diziam os teóricos da comunicação sobre o texto, o subtexto, os níveis de leitura, o grau de redundância, a mensagem, o meio e o caráter intrinsecamente aberto de uma obra de arte também se aplica com facilidade a essa obra. Várias pessoas gostam pelas aquarelas pintadas pelo próprio autor, outras pelas belas frases, outras tantas por terem ouvido falar, muitas pelo fato de que a história é curta e pode ser lida com facilidade e algumas por poderem ter uma opinião sobre a obra sem sequer a ter lido.

A explicação para o fenômeno pode ser encontrada em um trecho da história, quando o narrador especula sobre a origem do menino: “Tenho sérias razões para supor que o planeta de onde viera o príncipe era o asteroide B 612. Esse asteroide só foi visto uma vez ao telescópio, em 1909, por um astrônomo turco. Ele fizera na época uma grande demonstração da sua descoberta num congresso internacional de

astronomia. Mas ninguém lhe dera crédito por causa das roupas típicas que usava. As pessoas grandes são assim. Felizmente para a reputação do asteróide B 612, um ditador turco obrigou o povo, sob pena de morte, a vestir-se à moda européia. O astrônomo repetiu sua demonstração em 1920, vestido numa elegante casaca. Então todo mundo acreditou”.

Antoine de Saint-Exupéry, o aviador que morreu no mar, escreveu uma lírica fábula sobre as perplexidades da alma, a infância, o sofrimento e a morte, e o fez com grande talento, gerando uma obra de notável força simbólica e beleza estética, certamente concebida em prolongados momentos de solidão na monotonia da cabine de seu avião. Eu li e reli muitas vezes. Sempre gostei, e cada vez gosto mais.

VOLTAIRE SCHILLING

Professor e historiador. Escreveu os seguintes livros, entre outros: *A revolução chinesa: colonialismo, maoísmo, revisionismo* (1984), *O nazismo: breve história ilustrada* (1988), *Momentos da história: a função da história na conjuntura social* (1988), *Estados Unidos versus América Latina: as etapas da dominação* (1991), *Tempos da História* (1995), *O conflito das idéias* (1999).

DOSTOIEVSKI E O 'DIREITO AO CRIME'



*O assassino intelectual
Raskolnikov*

Praticamente nenhuma das obras maiores do romancista russo Fédor Dostoievski, falecido em 1881, visava apenas o entretenimento do seu público leitor. Ao contrário. Seus livros, densos, estão repletos com personagens-idéia, tipos humanos dos mais diversos escalões sociais que exprimem não somente

sentimentos como as teorias sócio-políticas e culturais que sacudiam a Rússia do século XIX. Um dos mais famosos dos seus anti-heróis foi Rodion Raskólhnikov, figura central da novela 'Crime e Castigo, publicada em 1866, que defendia a estranha tese de que o homem extraordinário tinha 'direito ao crime'.

Os embates ideológicos da Rússia Czarista

Um dos mais intensos debates em que a *intelligentsia* russa do século XIX se engajou tratava de definir qual destino estava reservado ao grande império dos czares. De um lado alinharam-se junto a Alexander Herzen, um aristocrata liberal que emigrara para a Europa em auto-exílio, os que defendiam

o princípio de que a Rússia devia seguir as pegadas dos países europeus mais avançados, importando deles não somente os direitos de liberdade de pensamento e expressão (inexistentes no regime russo), como também suas instituições políticas (fosse a monarquia constitucional de modelo britânico ou a da república francesa). O programa deles – denominados por isto mesmo de *zadponiki*, Ocidentalistas, – de certo modo era dar continuidade a política adotada muito tempo antes pelo czar Pedro o Grande (reinou de 1682 a 1725) que via o porvir da Rússia ligado à Europa e não à Ásia.

Este posicionamento os conduziu de algum modo a menosprezar as tradições e as instituições russas, tais como o Czarado e a Igreja Russo-Ortodoxa, baluartes do atraso e da miséria russa frente aos demais europeus.

Os Ocidentalistas foram desafiados pelos Eslavófilos (particularmente Aksakov, Samarine, Khomyakov, Kireievski, Piotr Tchaadaev e Nikolai Danilevski), intelectuais politicamente ultraconservadores que negavam haver grandes virtudes nas culturas não-russa e que acreditavam ser a nação dos czares portadora de uma mensagem messiânica-cristã que não deveria ser contaminada por idéias ou doutrina importadas do estrangeiro.

Ao contrário, as virtudes russas - consolidadas pela existência da autocracia e pelo Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa - deviam ser exaltadas e não espezinhasdas como o faziam os Ocidentalistas, (para eles, intelectuais alienados distantes do povo russo).

Uniam-se ainda os Eslavófilos no seu desprezo pelo direito como contrato, o desprezo pelo liberalismo, o desprezo pelo ocidente, o horror pelo capitalismo. Sentiam-se os escudos da cultura eslava contra o mundo latino-germano que imperava nas fronteiras européias da Rússia.

O povo russo

Até a percepção que tinham dos habitantes das vastas estepes os separava. Os Ocidentalistas, em geral, viam-nos como ‘violentos, e selvagens’, uma massa de gente bronca e de poucas luzes, isolada há séculos numa redoma medieval, apartada dos seus vizinhos da Europa e que devia ser integrada nos benefícios da civilização.

Para seus rivais, mesmo que o povo russo não fosse um poço de virtudes, mantinha traços de pureza ainda não contaminada pelos efeitos mais nocivos da modernidade. A aldeia camponesa composta pela *izba*, a morada do mujique russo, era o exemplo da vida coletiva e fraterna exaltada pelo cristianismo. Em cada vilarejo ou aldeia russa ‘havia tesouros a serem protegidos’.

Permitir que o capitalismo avançasse sobre eles ou que os revolucionários do movimento Narodnaia Volia (A Vontade do Povo) instigassem os camponeses na implantação de uma sociedade socialista, causaria a destruição da natureza russa. Daquilo que fazia a Rússia ser diferente das demais. Para evitar isto era fundamental a manutenção da aliança entre o *Kremlin*, a morada do czar , e a *Sobor*, a Catedral*

* Longe de se encerrar com o fim do século XIX ou a queda do regime czarista em 1917, o confronto entre Ocidentalistas e Es-lavófilos prosseguiu no regime comunista, sendo que os primeiros se fizeram representar por Leon Trotski e os segundo por Joseph Stalin, no embate que se deu por ocasião daqueles que defendiam ‘a revolução permanente’ e os que se alinharam a Stalin na política do ‘socialismo num só país’.

Cristianismo contra o egoísmo utilitário

Dostoievski que, quando escritor iniciante, manifestara simpatias pela causa - o que o levou, em 1849, a uma pesada condenação de dez anos na Sibéria, a *kátorga* - mudara de posição com os anos. Na prisão, experiência que relatou no livro 'Recordações da casa dos mortos', percebera o enorme abismo que separava a gente miúda delinqüente da pequena classe dos instruídos.

Tornou-se um defensor do eslavismo e da Doutrina do *Pótchvenitchetsvo*, da necessidade dos intelectuais de se reaproximarem do povo, de sentir de perto os dramas que lhe afligiam, entendendo que as idéias trazidas de fora nada de bom faziam pela paz social da Rússia.

O nihilismo, então em moda entre os estudantes e os *raznochinets* (intelectuais radicais da década de 1860), era algo extremamente nocivo visto que injetava o veneno da subversão em veias exaltadas.

O resultado da adesão às teorias estrangeiras, particularmente às socialistas, é que os jovens instruídos passavam a devotar um ódio cego ao Czarado e à cultura russa, tida como inferior. Somente uma retomada da fé nos valores do cristianismo ortodoxo e da originalidade do povo russo, assegurava o escritor, poderia deter os efeitos nefastos das novas teorias que não cessavam de penetrar clandestinamente no império do autocrata.

O alvo crítico dele eram as teses de Chernichevski, um pensador socialista utópico que era ídolo dos contestadores. O romancista se opunha firmemente ao conceito de Egoísmo Racional ou utilitário, absorvido de Jeremy Bentham e J.S.Mill, defendido pelo filósofo russo, que assegurava haver uma

reação socialmente positiva, proveitosa e humanitária, quando um indivíduo pensasse somente em si (pois assim aquele que se sentisse pessoalmente injustiçado e lutasse por uma reparação terminaria por alargar o espaço da liberdade coletiva).

Para Dostoievski a aceitação disto poderia redundar na mais 'negra iniquidade', como ocorre com o seu personagem Raskólnikov que, para satisfazer um anseio egoísta, se converte num assassino.

Raskólnikov e o 'direito ao crime'.

É em meio à novela 'Crime e Castigo' (Terceira Parte, cap. V) que o personagem central, o estudante Raskólnikov expõe ainda que resumidamente um artigo dele que fora publicado numa revista de S.Petersburgo, intitulado 'Acerca do crime...':

Nele defendeu a existência na sociedade, em qualquer uma, de uma Lei da Natureza que determina a existência de dois tipos humanos: os homens comuns e os homens excepcionais. Sendo que estes últimos são limitadíssimos em número: 'homens de idéias novas... nascem pouquíssimos, são de uma escassez verdadeiramente estranha.'

Para os extraordinários, não valeriam as regras que regem o todo social. Esta grande personalidade, ainda que não encontre a absolvição de seus atos mais nocivos entre a maioria da sociedade, pessoalmente, frente a sua própria consciência, não se sente culpada caso os cometa.

No dizer de Raskólnikov: 'em minha opinião, concedem a si próprio a autorização para saltarem por cima do sangue, atendendo unicamente a teoria e ao seu conteúdo, repare bem'.

Este ser fantástico se sente psicológica e moralmente imunizado frente a qualquer dano que possa vir a causar – guerras ou assassinatos - em vista de que seus atos não podem ser julgados ou entendidos pela gente comum ou enquadrados pelas leis costumeiras. Somente a história é quem poderá algum dia absolvê-lo.

Por conseguinte, este soberbo egocêntrico, se coloca acima do bem e do mal. Um Napoleão, por exemplo, não hesitou em sacrificar milhares de vidas para afirmar o seu poder. O que o movia era a certeza de ser alguém excepcional, um ungido pelo destino a lançar-se em feitos e obrigar-se a tarefas espetaculares. Missão que nenhum mortal ordinário poderia sequer imaginar ou sonhar.

Idêntico se aplicaria aos notáveis cientistas. Não teria Kepler ou Newton, por exemplo, o direito – e até o dever - de eliminar aqueles que criariam obstáculos a que o mundo conhecesse suas valiosas descobertas?

A maioria das personalidades históricas de vulto (Licurgo, Sólon, Maomé, Napoleão, etc.), argumentou Raskólnikov, na verdade, ' tinham sido criminosos' por terem abolido as leis antigas outrora sagradas, e certamente não se detiveram frente ao sangue derramado sempre que isto lhes fora útil ou necessário.

O artigo fazia eco, ciente ou não, de uma conhecida passagem existente nas famosas Lições da Filosofia da História Universal de Hegel, onde trás que: *'Estes indivíduos históricos, atentos aos seus grandes interesses, trataram sem dúvida de maneira frívola, atropeladamente e sem consideração outros interesses e direitos sagrados, que são por si mesmo dignos de consideração. Sua conduta esta exposta por isso à censura moral Mas há um outro modo de entender estes homens. Uma grande figura quando caminha , esmaga muitas flores, destrói por força muitas coisas no seu passo.'*

Os perigos do abandono do cristianismo

Por ter participado quando jovem do círculo Petrachevski – grupo subversivo que se reunia, entre 1848-9, para fazer leituras de socialistas franceses –, o escritor tinha experiência pessoal de como poderia facilmente, partindo da defesa de uma causa justa, envolver-se numa operação que demandaria violência.

Ele mesmo percebera a facilidade com a pureza do ‘genuíno idealismo moral da juventude russa’ poderia se perverter, terminando por servir a fins monstruosos. O abandono da ética herdada da Bíblia, que não fazia qualquer concessão a seres humanos extraordinários, para Dostoievski estimulava o desatino e o crime. Ao ‘rejeitar Cristo, o coração humano pode chegar à incríveis alturas’... nada positivas.

Deste modo, o escritor concluía a sua trajetória ideológica que saltara de um anticzarismo libertário a um messianismo nacionalista, anti-católico, anti-judaico e anti-socialista que acabou por servir de inspiração doutrinária para o situacionismo dos Romanov (Dostoievski chegou a trocar ativa correspondência com o Procurado do Santo Sínodo, o ultra-reacionário Konstantin_Pobedonóstsev, que foi, por igual, tutor do czar Alexandre III). *

* Tal como o escritor, o ministro czarista considerava que a natureza humana é pecaminosa, rejeitar os ideais ocidentais de liberdade e independência como “ perigosas ilusões da juventude niillista “.

O temor a um novo cisma

De certo modo, as teses de Raskólhnikov, defendidas no artigo 'Acerca do crime... ', viriam embasar tanto a lógica dos regimes fascistas (o mais forte faz a lei e submete os mais fracos a ela) como a do regime stalinista (a implantação de um regime novo implica necessariamente no esmagamento daqueles que se lhe opõe)

O que Dostoiévski temia, e nisto foi profético, é que as ideologias importadas (o liberalismo, o darwinismo, o utilitarismo, o ateísmo e o socialismo) provocariam fatalmente um imenso cisma na história nacional. O que tinha em mente era evitar algo que ocorrera no passado, na época do czar Alexei Mikhailovich, ocasião em que o Cristianismo Ortodoxo viu-se abalado por uma Reforma Religiosa imposta pelo Patriarca Nikon, inspirada na liturgia grega, em 1653.

Em reação a ela, deu-se o surgimento o Movimento Raskol, o dos Velhos Crentes (*raskolniki*, provocadores do cisma), cristãos fundamentalistas, que dividiram de modo inapelável a estrutura religiosa da nação.

Concluiu o escritor que se nada fosse feito para evitar o novo cisma que ganhava forças no país ao longo do século XIX, o Partido Ateu, composto por niilistas, populistas e comunistas, após por abaixo os valores básicos da Velha Rússia (a obediência ao czar e a fé na igreja ortodoxa) tomaria o poder com conseqüências assombrosas e impensáveis.

E, se por acaso, escreveu ele no 'Diário de um Escritor', os russos aplicassem os ensinamentos daqueles professores ocidentais – ainda que seus objetivos fossem 'filantrópicos e grandiosos' – no afã 'de destruir a velha sociedade e construí-la de novo, o resultado seria uma tamanha escuridão, tama-

nho caos, cego e inumano, que toda a estrutura ruiria ao som das maldições da humanidade antes que pudesse ser concluída a tarefa’.

Bibliografia

Berlin – Isaiah – Pensadores russos. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

Dostoiévski, F. – Crime e Castigo. Porto Alegre: L&PM, 2007.

Dostoiévski, F. – Diário de um escritor. Madri: Alba Editorial, 2007

Figes, Orlando – Natascha´s dance: a cultural history of Rússia. Londres: Penguin Books, 2002.

Frank, Joseph – Dostoiévski, o manto do profeta. São Paulo: EDUSP, 2007.

Sumner, B.H. – Uma retrohistoria de Rusia. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

Venturi, Franco – El populismo ruso. Madri: Revista de Occidente, 1972, 2 t.

Venturi, Franco – El populismo ruso. Madri: Revista de Occidente, 1972, 2 t.

ADAIR PHILIPPSEN

Juiz de Direito, integrante do Conselho de Comunicação Social do TJ/RS e do Departamento Cultural da AJURIS. Obra mais recente: *Vitral de Letras*. Poemas, WS Editor, 2009.

O MELHOR LUGAR

“Não há outro lugar.”

(Milton Hatoum, em “Órfãos do Eldorado”).

Visitei tantos lugares,
Vi as sete maravilhas,
Conheci mares, ilhas,
E os canais de Veneza.
Mas nada ofusca a beleza
Dos teus olhos cor de relva,
Os lábios úmidos qual selva,
As maçãs da face salientes,
A porcelana dos dentes,
Teu hálito, doce aragem,
A tua feição tão selvagem,
As mãos lotadas de afago
E os cabelos cacheados,
Em cujos tufos me enrolo
E torno a me reencontrar
No que é o melhor lugar
Onde já estive: o teu colo!

PRESUNÇOSO CONFESSO

O olho-d'água emergia entre o bambuzal. Ultrapassada a cabeceira, encorpava-se à sombra dos tufos de unhas-de-gato, donde rolava entre seixos e convertia-se em cristalina sanga. A água corria, dançava, dançava, alheia à reciprocidade dos olhares de dois moleques: o córrego e eu. Ele sereno, eu maravilhado.

Mamãe lavava roupa na laje ribeirinha. Embasbacado nos primeiros passos sobre a relva, o piá assistia à procissão de peixinhos entre o verdor do mato lindeiro, pigmentado por orquídeas, ipês em flor e pássaros em balé – apesar das opiniões em contrário, bicho conversa, sim: à beira do riacho testemunhei sem-número de segredos e declarações de sabiás e bem-te-vis.

Curiosa sensação me assomava. Contagiado pelo visual idílico do sol a se derreter na água, nas tardes de aroma de laranjeiras afastava para longe a ideia de me tornar adulto. Análogo sentimento nutria pela sanga: seu destino não se limitava a ser engolida pelo oceano em seu voraz desiderato de se vingar da serenidade dos caudais miúdos. O temor de deixar a infância se exacerbava junto ao propósito de levar o riacho comigo.

As águas cantantes do regato seguiram seu curso, tal qual a vida do moleque. Já entrando em anos, a sanga ainda se aninha cá dentro de mim – e com ela, sem a menor peia de confidente, a menineira convicção de que o arroio da infância era meu rio grande do Sul.

AFIF JORGE SIMÕES NETO

Juiz de Direito. Em 2005, publicou a biografia
Em nome do pai. Livro mais recente:
O cofre (crônicas).

O AMOR QUANDO ACONTECE DEPOIS

Tenho prova guardada em gaveta de que ninguém ama verdadeiramente sem que tenha percorrido antes um sinuoso trecho na estrada das alegrias e também dos desencantos. As contínuas encruzilhadas semeadas à mão cheia pelo inventor obrigam-nos a optar por uma das veredas, quando mal não teria se pudéssemos escolher as duas, até como forma de prevenir algum arrependimento que virá tardio pela preferência equivocada. O ideal seria a gente já nascer sabendo amar, e é pena a vida não se transfigurar pelo avesso, como gostaria Chaplin, embora voltar a ser criança depois de velho não seja garantia de nada, pois nada na vida tem qualquer garantia.

Se palmilhando é descoberto o caminho, o vestígio dos passos traduz na metódica trena do tempo o que teremos pela frente, ainda que incertas sejam todas as trilhas a nos esperar além do arco-íris.

Bem movediço mostrou-se pelos anos o terreno das afeições. Nunca se sabe onde a pisada aflora mais segura, e os doidos enganos sentimentais moram nas dobras do terreno pantanoso que se transpõe mesmo com cuidado. Quando surge a impressão de que o piso é rochoso, o chão nos surpreende com cara de brabo e se abre feito um leque daqueles usados pelas damas de antigamente, arrastando sem pejo as ilusões para a parte da terra com fundura sem limites. Por vezes, melhor seria passar ao largo, despistar com discrição, mas existe em nós uma irresistível necessidade de abrir picadas no breu, a fim de se descobrir duradouro na aventura dos sentidos.

Dizem os terapeutas que gostar em demasia da outra pessoa faz enxergar através de um único olho, pois o outro prossegue fechado para manter o vínculo. Olhar através dos dois olhos é flagrar os defeitos que aniquilam a mais intensa das paixões.

A busca do amor imperecível começa na adolescência, e com ela o aparecimento das primeiras privações de uma alma inquieta igual as birutas em ventania. Seria o caos para tantos meninos febris de enlevo, desde que soubessem, é claro, onde realmente fica o tal de fim do mundo.

Mais tarde, já no verdor da juventude, o ímpeto da veneração pela única flor vicejante da espécie humana ganha contornos passionais. Nada está acima do arrebatamento ardente, sequer a desgraça da penúria em sua ronda sorrateira pelos barracos do arrabalde. E até no suicídio quem ama sem as peias do racional encontra uma forma de desafio, de livrar-se de uma vez por todas dos infortúnios que o coração sente e não pode se queixar ao dono.

Mas é na maturidade que as escolhas perenes acontecem, quando a roda propulsora da excitação dos amantes começa a apresentar desgaste visível a olho clínico. O mar das inquietudes sensitivas torna-se mais sereno, sem as ondas que levam de arrasto o que cai na rede depois que a faixa de areia beija as ruas da cidade. Ama-se com a calma dos navegantes solitários, e um afago inesperado no permeio da noite não se confunde mais com o ofegante gesto erótico. As coisas se amainam. A gana incontrolável do prazer se transforma em delicado brinde à luz de velas. Não se pertence ao parceiro, e os dois fazem parte do todo indivisível. A fúria das cobranças cede à cumplicidade de um silêncio construído sem o barro fétido da malquerença. A felicidade dividida apaga o muito que já se sofreu sozinho. Cessada a procura, é hora

de partilhar palavras de estímulo tecidas junto ao mesmo travesseiro, de traçar planos para os dias ensolarados que virão, e repartir pelas invernias de chuva e raio a angústia pelo sofrimento dos homens.

